

Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti
Carlos Ferreira



24 + 25 out 24

24 out 24 QUINTA 20:00

25 out 24 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti Maestro

Carlos Ferreira Clarinete

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para Clarinete e Orquestra,
em Lá maior, K. 622

c. 30 min.

1. *Allegro*
2. *Adagio*
3. *Rondo: Allegro*

INTERVALO

Johannes Brahms

Sinfonia n.º 1, em Dó menor, op. 68

c. 45 min.

1. *Un poco sostenuto – Allegro – Meno allegro*
2. *Andante sostenuto*
3. *Un poco allegretto e grazioso*
4. *Adagio – Più andante – Allegro non troppo,
ma con brio – Più allegro*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Wolfgang Amadeus Mozart

(Salzburgo, 1756 – Viena, 1791)

Concerto para Clarinete e Orquestra, em Lá maior, K. 622

—

COMPOSIÇÃO 1791

ESTREIA Praga, 16 de outubro de 1791

DURAÇÃO c. 30 min.

Marco carismático do repertório concertante do período clássico, o Concerto para Clarinete e Orquestra, K. 622, constitui a última obra puramente instrumental concluída por Wolfgang Amadeus Mozart em Viena, durante o mês de outubro de 1791, pouco antes da sua morte. Debatendo-se com várias debilidades, o músico fez redobrar os esforços criativos em torno desta e de outras obras, entre as quais o motete *Ave verum corpus*, o Quinteto para Cordas K. 614, as óperas *La clemenza di Tito* e *A flauta mágica*, e ainda o *Requiem*. Um esboço originário da partitura foi dedicado ao clarinetista Anton Stadler, com o qual Mozart travou conhecimento depois de se ter estabelecido em Viena. Nesta versão, a parte solista foi destinada ao *cor de basset*, instrumento que conviveu com o clarinete na segunda metade do século XVIII, mas que caiu progressivamente em desuso.

O mesmo intérprete terá contribuído para a adaptação da parte solista ao clarinete clássico, o qual também tocava de forma exímia.

No curso dos três andamentos da obra, Mozart explorou as múltiplas sonoridades do clarinete, colocando em relevo os contrastes de registo sonoro. As partes orquestrais destinadas a instrumentos de sopro denotam grande suavidade de

colorações tímbricas: a presença de flautas, fagotes e trompas, mas não de oboés, mostra a vontade de fazer sobressair o instrumento solista no seio de um plano sonoro essencialmente homogêneo. O evocativo tema principal do primeiro andamento, *Allegro*, é entoado em uníssono pelo clarinete e pelos primeiros violinos, sobre o acompanhamento das restantes cordas, a que logo se juntam os sopros. O andamento é pontuado pelo retorno periódico de *ritornellos* orquestrais de distinto perfil melódico, elementos que constituem a sua base formal. Os contrastes emocionais são obtidos por meio da alternância de modulações conducentes ora a tonalidades maiores, ora menores. Ao longo de todo o andamento, o clarinete ocupa um lugar de destaque, tanto pelos seus gestos virtuosísticos, como pelo lirismo do discurso melódico. Um tema de sublime conceção melódica domina todo o andamento seguinte, *Adagio*. A simplicidade da construção musical alia-se aqui a uma dimensão profundamente espiritual, da qual o instrumento solista é o mais veemente mensageiro. O *Rondo: Allegretto* final instaura uma atmosfera contrastante, para a qual contribui a vivacidade do tema do rondó, introduzido pelo clarinete e depois reiterado pela orquestra.

Johannes Brahms

(Hamburgo, 1833 – Viena, 1897)

Sinfonia n.º 1, em Dó menor, op. 68

—

COMPOSIÇÃO 1876

ESTREIA Karlsruhe, 4 de novembro de 1876

DURAÇÃO c. 45 min

Inscrevendo-se numa linha de criação instrumental austro-germânica cujas origens remontam à escola de Viena, a primeira sinfonia de Johannes Brahms foi concluída no outono de 1876, no termo de um prolongado processo criativo de mais de vinte anos e que foi sofrendo várias interrupções, à medida que o músico expandia a sua atividade como diretor de orquestra e pianista. Na verdade, os primeiros esboços começaram pouco depois de Brahms ter conhecido Robert Schumann e a sua esposa, a pianista Clara Schumann, em Düsseldorf, numa época em que as sinfonias de Beethoven permaneciam como referencial absoluto do espaço musical público. O próprio Schumann reavivara esta ideia no periódico *Neue Zeitschrift für Musik*, em certa passagem publicada em 1840: “...os compositores foram muitas vezes admoestados de que seria melhor para eles – depois de Beethoven – se se abstivessem do género sinfónico”. A influência de Schumann no jovem Brahms terá tido um papel de fundo no culto da tradição sinfónica beethoveniana e na posterior conduta reflexiva e autocrítica, que conduziria à conclusão tardia da primeira sinfonia, em 1876, quando Brahms contava quarenta e três anos de idade. Neste patamar de maturidade criativa,

a Sinfonia n.º 1 expressa, de modo vincado, o compromisso entre a herança classicista e as novas tendências do Romantismo, rumo a um patamar abstrato, quase metafísico, no qual se fundem as emoções e os estados de espírito mais profundos e inusitados. A estreia sobreveio a 4 de novembro de 1876, no Großherzogliche Hoftheater de Karlsruhe, sob a direção do maestro Felix Otto Dessoff. Contrariando o perfil estilístico da sinfonia clássica, o primeiro andamento, *Un poco sostenuto – Allegro*, principia com um rasgo do *tutti* orquestral, massivo e imponente, apoiado pela marcha inexorável dos timbales. A prolongada introdução prossegue em patamares harmónicos sucessivos, alternando a forte intensidade expressiva com momentos mais reflexivos e serenos. A seção *Allegro* recupera o motivo inicial da introdução, agora com articulação mais breve e partilha sucessiva pelos vários naipes orquestrais. Nesta forma de sonata de primeiro andamento sucede-se o idílico segundo tema, introduzido pelos oboés e comentado pelas trompas. A curto espaço, surge o terceiro componente temático, trazendo consigo a inquietude inicial, mercê das anguladas figurações motivicas que perpassam pela orquestra. O desenvolvimento baseia-se, em grande medida, em motivos anteriores, ainda que Brahms leve mais longe a harmonização desses motivos, por vezes infletindo em modulações sucessivas que seriam impensáveis na linha de composição clássica. A recapitulação evolui de forma linear, sendo de assinalar a coda final, *Meno allegro*, a qual destitui o andamento do seu pendor enérgico

e fatalista, para anunciar, em breves e derradeiros compassos, o contrastante quadro sonoro do andamento que se segue.

É, com efeito, um cenário do mais sonhador e comovente Romantismo aquele que nos traz o segundo andamento, *Andante sostenuto*, na tonalidade relativa de Mi maior, assente numa instrumentação delicada, partilhada entre as cordas e os sopros. Linhas melódicas suaves, emolduradas por harmonias calorosas, conduzem o ouvinte aos recantos secretos desse jardim sonoro imaginado por Brahms, onde o sentimento e a emoção se conjugam com a confiança e algum mistério.

Com a indicação *Un poco allegretto* e *grazioso*, o terceiro andamento, na tonalidade sobredominante de Lá bemol maior, ocupa o lugar do *Scherzo*, mas o seu carácter diverge substancialmente do cânone beethoveniano, no sentido em que abandona totalmente a vocação experimental e dramática, para se afirmar como breve espaço de poesia sonora, com ecos do imaginário pastoral, no prolongamento do andamento anterior. De regresso à tonalidade de partida, o quarto e último andamento, *Adagio – Più andante – Allegro non troppo, ma con brio*, é aquele que apresenta maiores proporções, a partir da grave secção inicial, a qual parece evocar, novamente, a dimensão onírica.

Após um breve episódio das cordas, em *pizzicato*, a textura adquire maior dinamismo e faz surgir, nos sopros de madeira, um novo motivo, em ritmos ponteados. Com a secção *Più andante*, a tonalidade inflete na homónima maior para servir de fundo ao tema trazido pelas trompas e depois retomado pelas flautas, sobre o acompanhamento, em *tremolo*, das cordas. Os metais entoam então um “coral” que mais não é do que o prelúdio solene para a secção *Allegro*. Surge aí o famoso tema principal do andamento, a partir do registo grave dos violinos, tantas vezes conotado com a *Ode à Alegria* do último andamento da Sinfonia n.º 9, op. 125, de Beethoven. Foi este componente melódico muitas vezes invocado, por músicos e diretores de orquestra, como argumento de apoio à ideia de que a Sinfonia n.º 1 de Brahms poderia considerar-se como a 10.^a de Beethoven, ideia essa que atravessou gerações até à atualidade. O segundo tema do andamento, na tonalidade dominante de Sol maior, aparece nos violinos e vai-se prolongando, em volutas de colcheias, até ao momento em que Brahms decide conjugar outros componentes temáticos já surgidos anteriormente, com destaque para o tema principal. A coda final faz regressar o coral do anterior *Più andante*, partilhado por cordas e metais, antes da declamação triunfal do *tutti* orquestral, nos derradeiros compassos do andamento.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

Lorenzo Viotti

Na quarta temporada como Maestro Principal da Orquestra Filarmónica e da Ópera Nacional dos Países Baixos, Lorenzo Viotti dirige *O Morcego* de Johann Strauss e uma nova produção de *Peter Grimes* de Britten. Dando também continuidade à sua relação profissional com a Ópera de Zurique, dirige uma nova produção de *A Cidade Morta* de Korngold. Para além dos concertos com a Filarmónica dos Países Baixos, regressa aos EUA para se estrear à frente da Filarmónica de Los Angeles e da Sinfónica de Pittsburgh.

Na Europa, dirige a Filarmonica della Scala, a Orchestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia, a Gürzenich Orchestra e a Orchester der Deutschen Oper Berlin. Estreia-se à frente da Orchestre de la Suisse Romande e conclui a temporada com a Sinfónica de Viena.

Na qualidade de maestro convidado, trabalhou com muitas das principais orquestras mundiais, incluindo as Filarmónicas de Viena, Berlim e Munique, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Sächsische Staatskapelle Dresden, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra de Cleveland, a Royal Philharmonic, a Orquestra Estadual de Berlim ou a Sinfónica de Tóquio.

Natural de Lausanne, na Suíça, Lorenzo Viotti nasceu no seio de uma família de músicos de ascendência italiana e francesa. Estudou piano, canto e percussão em Lyon, tendo inicialmente sido percussionista da Filarmónica de Viena. Estudou direção de orquestra com Georg Mark, em Viena, e com Nicolás Pasquet no Conservatório Franz Liszt, em Weimar. No início da sua carreira venceu o Concurso Internacional de Cadaqués, o Concurso de Direção MDR (2013) e o *Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award* (2015). Em 2017 recebeu o *International Opera Newcomer Award* nos *International Opera Awards*, em Londres. Foi Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian entre 2018 e 2021, sendo atualmente Maestro Convidado Principal.

Carlos Ferreira

Natural de Paredes, Carlos Ferreira é um dos mais aclamados clarinetistas da atualidade. Vencedor do 2.º Prémio no Concurso Internacional ARD, em Munique, do 3.º Prémio e Prémio do Público no Concurso Internacional de Genebra e do *WEMAG Soloist Prize* do Festival Mecklenburg-Vorpommern 2021, é atualmente Clarinete Principal na Orquestra Nacional de França.

Carlos Ferreira é um convidado regular dos principais festivais de música e salas mundiais. Tocou como solista com diversas formações, entre as quais se destacam a Orquestra Filarmónica Portuguesa, a Transylvania State Philharmonic Orchestra, a Orquestra de Câmara de Genebra, a Orquestra de Câmara de Munique, a Orquestra da Rádio de Munique e a Orquestra Nacional de França. Academista da Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão em 2016, continuou o seu percurso orquestral na Filarmónica de Monte Carlo e posteriormente ocupou o lugar de Clarinete Principal na Orquestra Nacional de Lille e na Philharmonia Orchestra de Londres. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian enquanto estudante na Escuela Superior de Música Reina Sofía, em Madrid, na classe dos professores Michel Arrignon e Enrique Pérez Piquer. Posteriormente, ingressou no Conservatório de Amesterdão, na classe de Arno Pipers, e no HEMU de Lausanne, na classe de Florent Héau. Em Portugal, foi aluno de José Ricardo Freitas na Academia de Música José Atalaya e na ARTAVE, tendo concluído a licenciatura, com Nuno Pinto, na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto.

Carlos Ferreira acaba de lançar o seu primeiro álbum intitulado “XX-XXI”, com obras para clarinete e piano, em colaboração com o pianista e compositor Pedro Emanuel Pereira. Carlos Ferreira é Artista Buffet Crampon e Vandoren.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora.

No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsibulevsky CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Alessandro di Marco 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Piotr Rachwal
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Rui Cristão

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Jorge Teixeira 2º SOLISTA
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Nelson Nogueira
Miguel Simões
Asilkan Pargana
Catarina Resende
Bernardo Barreir *

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Micaela Miranda
Raquel Noemi
Márcia Marques
Sara Farinha
Bárbara Ferreira

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1º SOLISTA

Marco Pereira 1º SOLISTA

Gonçalo Lélis 1º SOLISTA

Raquel Reis 2º SOLISTA

Jeremy Lake

João Valpaços

Hugo Paiva

Maria Leonor Moniz

Pedro Fernandes

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rego 2º SOLISTA

Marine Triolet

Miguel Menezes

Diogo Pereira

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Natália Monteiro 2º SOLISTA *

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÉS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Rodrigo Carreira 2º SOLISTA *

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Sérgio Pacheco 1º SOLISTA *

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBA

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

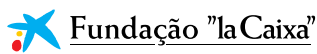
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

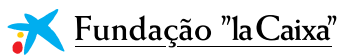
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

